Mulheres promotoras de agricultura geradora de vida

Women promoting agriculture sustainable

WANDELLI, Elisa[1]; Araùjo[2], Fátima de; GÓES, Jussara[3]; SEMEGHINI, Mariana[4]; NEVES, Acácia[5] ; Reia, Marina[6]

[1]Embrapa, elisa.wandelli@embrapa.br; [2]TEIA, fafemea@hotmail.com, [3]CIMI, jugoes@hotmail.com, [4]Inpa, arapotysc@yahoo.com.br; [5]Incra acacia.neves@mns.incra.gov.br, [6]marina.reia@idesam.org.br;

Tema gerador: Mulheres e Agroecologia

Resumo

O I Encontro de Mulheres promotoras de agricultura geradora de vida objetivou empoderar e aumentar a articulação de mulheres pesquisadoras, educadoras, extensionistas, gestoras, ativistas e agricultoras em prol da agricultura sustentável, da soberania alimentar e do bem viver comum, e inserir o movimento agroecológico do estado do Amazonas na plataforma de lutas femininas, além de construir estratégias e elaborar demandas e propostas de políticas públicas. O Encontro resgatou a íntima relação: Terra - Agricultura - Conservação – Mulher, por trazer memórias silenciadas pela lógica patriarcal e, ao mesmo tempo, provocar o poder feminista do Amazonas a construir caminhos de produção da vida por meio de relações saudáveis com o meio ambiente.

Palavras-Chave: Agroecologia; feminismo, movimento agroecológico**.**

Abstract

The first meeting of Women promoting life-generating Agriculture aimed to empower and enhance articulation of women researchers, educators, extension workers, managers, activists and farmers for sustainable agriculture, food sovereignty and the right to live, and insert the agroecological movement State of Amazonas on the female wrestling, in addition to build strategies and draw up demands and proposals of public policies. The event rescued the close relationship: Land-Agriculture-Conservation-Woman, for bringing memories silenced by patriarchal logic and, at the same time, cause the feminist Amazon power to construct paths of life through healthy relationships with the environment.

Keywords: Agroecology; feminism; agroecological movement.

Contexto

Os sistemas atuais de produção de alimento têm acarretado contaminação e degradação dos solos, das águas e do ar, mudanças climáticas em escala global, perda de recursos genéticos e culturais, expulsão de agricultores do campo, além da produção de alimentos de baixa seguridade alimentar e nutricional devido à contaminação por agrotóxicos. Os alimentos não deveriam estar associados a venenos e à destruição socioambiental, e as mulheres exercem um papel relevante para solução desta grande problemática mundial, enquanto promotoras da Agroecologia e do bem-viver coletivo.

O I Encontro de Mulheres promotoras de agricultura geradora de vida foi um evento alusivo ao dia internacional de luta das mulheres e objetivou empoderar e aumentar a articulação de mulheres pesquisadoras, educadoras, extensionistas, gestoras, ativistas e agricultoras em prol da agricultura sustentável, da soberania alimentar e do bem viver comum, e inserir o movimento agroecológico do estado do Amazonas na plataforma de lutas femininas, além de construir estratégias e elaborar demandas e propostas de políticas públicas. O evento ocorreu no dia 4 de março no Parque do Mindú, Manaus - AM e foi organizado pelo GT de Mulheres e Jovens da Rede Maniva de Agroecologia (Rema), Embrapa Amazônia Ocidental e demais parceiras.

Descrição da Experiência

A partir de temas provocadores, o Feminismo - entendido como "a luta política de mulheres contra o modelo capitalista, o machismo e toda prática de opressão, de inferiorização e de submissão da humanidade", nutriu as rodas de conversa, os debates e as trocas múltiplas de experiências.

Mulheres Protagonistas da Agroecologia

O protagonismo agroecológico feminino foi homenageado com o reconhecimento de 12 nomes de mulheres promotoras de agricultura geradora de vida no mundo. Os **destaques internacionais** foram: Rachel Carson (EUA), Vandana Shiva (Índia), as Irmãs Mirabal (República Dominicana) e Gabriela Mistral (Chile). Os **destaques nacionais** foram Ana Maria Primavesi (Àustria)/RS), Dorothy Stang (EUA/PA), Loiva Lurdes Rübenich (RS) e Margarida Alves (PB). Os destaques do Estado do **Amazonas** foram: Profª. Graça Passos, do Ifam, por sua atuação em prol da Educação do Campo, geradora de sustentabilidade e cidadania; Doroti Alice Müler Shwade (SC/AM), por sua luta pela sensibilização em prol da soberania alimentar, dos direitos indígenas, dos direitos da natureza e suas práticas de agroflorestas agroecológicas; Profª. Fátima Guedes, por sua militância pela dignidade das mulheres por meio da soberania alimentar, preservação e saneamento ambiental, valorização das medicinas tradicionais e dos saberes amazônidas; e Profª. Marta Falcão, pela valorização das fruteiras da Amazônia para a arborização urbana e reintegração das mesmas na dieta alimentar. Cada homenageada ganhou destaque de sua história de lutas em banners com fotos, um breve histórico de vida e suas contribuições imateriais para a luta das mulheres e da sustentabilidade.

Mulheres e a Agroecologia

Segundo a Prof. Fátima Guedes, há cerca de trinta mil anos a sociedade matriarcal foi pioneira nos cuidados com a terra e no desenvolvimento da agricultura. Para aquela sociedade, a concepção de vida aplicava-se ao zelo perene a toda a existência: a vida prevalecia ao poder. A Mulher e a Terra eram reconhecidas irmãs, fêmeas em essencialidade. De ambas, fluía a promoção do bem-viver. E, assim, mulheres protagonizaram a agricultura orgânica e os conhecimentos tradicionais relativos à biodiversidade e sustentabilidade". A Profª. Fátima Guedes e a Engª. Agrônoma Acácia Neves (Incra) teceram referências históricas sobre as primeiras manifestações feministas com repercussão no mundo. "Dentre outras memórias feministas, Eva, Pandora e Lilith foram lembradas como "infratoras ancestrais do patriarcado" quando se rebelaram às determinações dos deuses. Constata-se ali as primeiras reações rumo à libertação e aos ensaios de empoderamento das mulheres", segundo Fátima Guedes.

"A base ideológica do feminismo busca igualdade entre pares, não a supremacia de um sobre o outro e novas feministas agroecológicas buscam saúde, educação e sustentabilidade no campo e na cidade, qualidade de vida para todos os seres e solidariedade universal", segundo a pesquisadora Elisa Wandelli (Embrapa). Para Fatima Guedes "o nosso feminismo não é contra o homem, é pela igualdade, é libertário". Para a Profª. do IFAM Melissa Michelotti "a Agroecologia nasce e se expressa no feminismo, pois ela é geradora de vida; e as mulheres são responsáveis pela manutenção da vida". Elisa Wandelli salienta que apesar da filosofia pacífica do feminismo, a Agroecologia representa uma das maiores revoluções da história da humanidade, pois exige uma restruturação profunda dos sistemas de produção, políticos e econômicos, dos valores e da relação da humanidade consigo mesma e com a natureza.

A Engª. Agrônoma Acácia Neves (Incra) alerta que apesar de que homens e mulheres devam caminhar juntos, as mulheres precisamos exercer mais o protagonismo em seus trabalhos e assumirem o parlamento. A agricultura Cléia Nunes (Apoam) enfatizou que as mulheres que produzem sem veneno são verdadeiras guerreiras em prol da saúde humana e da conservação da natureza, e se considera muito feliz por ter tomado a opção de trabalhar com orgânico. Cléia planta, colhe e alimenta-se somente produtos orgânicos e, apesar das dificuldades de escoamento e transporte, comercializa seus produtos todos os sábados na Feira de Produtos Orgânicos da Apoam, que funciona nas dependências do Ministério da Agricultura (Mapa). Para Cléia "as mulheres começam a dar a volta por cima e estão na direção do barco, mas muitos homens se escoram e aumentam a sobrecarga das mulheres, e é contra isso que unidas precisamos lutar". Fátima Zuazu, também agricultora da Apoam, descreve a luta no campo como

uma batalha diária, mas que com o uso de adubos verdes de leguminosas consegue produtos de bom tamanho e aparência, e assim convenceu o marido a produzir em sistema orgânico e quer também ajudar um grupo de mulheres em sua comunidade na ZF-4 da BR 174 para realizarem agricultura de base ecológica. Outra agricultora presente no evento, Walda Ferreira, relatou sua luta para que a comunidade em que vive em Iranduba siga seu exemplo de produzir sem veneno e clama por fiscalização, monitoramento e proibição da venda e do uso de agrotóxicos. Ela também ressalta que a conversão para a agroecologia não reduziu sua produção, nem aumentou a necessidade de mais mão-obra para as práticas agrícolas. Elisa Wandelli cita a criação do *Fórum* de *Combate* aos Impactos dos *Agrotóxicos* no *Amazonas*, coordenado pelos Ministérios Públicos (MPE, MPF e MPT), que está sendo um forte mecanismo de controle social contra o uso de agrotóxicos, mas lembra da importância de que, além de medidas punitivas, necessitamos de sensibilização e de divulgação das alternativas e da implementação das políticas públicas para a Agroecologia. A bióloga Mariana Semeghini (Rema) relata que durante sua caminhada na região amazônica conheceu mulheres que têm um cuidado especial com o solo, a família, a saúde e a natureza e muitas delas são líderes que protagonizam em suas comunidades a transformação para uma agricultura sustentável.

A técnica agrícola Edna Maia (Idam) fala da importância de incentivos e recursos para a geração de renda das mulheres agricultoras, inclusive para o artesanato. Kátia Regina Barreto (Consulado da Mulher) ressalta a importância da agroindústria e da abertura e manutenção de ramais nas comunidades rurais para o escoamento da produção, a fim de aumentar a renda dos agricultores orgânicos. A Engª Florestal Lilia Assunção (FVA) acrescenta que apesar da cadeia produtiva ser fundamental, as mulheres agroecologistas não se preocupam apenas com renda, mas também com o bem viver e todas as formas de vida". A Profª. Socorro Moraes (UFAM e Centro de Referência de Estudo da Saúde do Trabalhador) relatou que, apesar do empoderamento feminino que a Agroecologia traz para as mulheres, a maioria das agricultoras ainda enfrenta as mazelas da sobrecarga de trabalho e da invisibilidade da mulher do campo. Mulheres não **ajudam** na agricultura, as mulheres trabalham na agricultura, são protagonistas. A pesquisadora Lucinda Carneiro (Embrapa) salientou que são as mulheres que conservam e são as responsáveis pela maior parte do compartilhamento das sementes. A agricultora e presidente da Apoam, Mirian Carvalho, relatou que além da sobrecarga tripla da mulher do campo (produção, serviços domésticos e cuidados com os filhos e marido), ela e as demais agricultoras da Apoam sofrem com as dificuldades de escoar a produção orgânica devido à falta de transporte e às estradas intrafegáveis. A indí-

gena Idete Vasconcelos (Associação de Artesões Indígenas de *Manaus* - AAIMA), da etinia *Sateré-Mawé*, lembrou emocionada de sua infância, quando vivia na região que hoje constitui o Parque do Mindú (local do evento), ainda com águas límpidas, e relatou o protagonismo das mulheres para a conservação desta área. Elisa Wandelli registrou o protagonismo da professora e líder comunitária Lucy Almena para que a área do Parque do Mindú não fosse grilada e posteriormente da bióloga Regina Oliveira (quando na FVA), para a consolidação dessa unidade de conservação. Angeline Amorim (SEMMAS) destacou a importância da atuação das mulheres para a conservação das áreas protegidas de Manaus.

Para Elisa Wandelli as mulheres vêm assumindo e acumulando sobrecarga de tarefas e cargos importantes, enquanto as tarefas domésticas continuam não sendo equitativamente compartilhadas. Fátima Zuazo (Apoam) abordou que educando as crianças, a sociedade será mais igualitária no futuro. A terapeuta oriental Júlia Ozal afirma que a estrutura e energia da mulher e do homem são diferentes, mas há uma grande força feminina que tem complementariedade ao masculino e que, em harmonia, pode-se avançar no caminho. Clara Vignoli, mestranda do Inpa, considerou o encontro muito importante, pois é interessante ver o papel da mulher na agricultura valorizado, principalmente no Amazonas, onde o machismo é muito exacerbado. Fatima Guedes reafirmou que a luta feminista não está contra os homens, mas pela autonomia para conquistar a igualdade. É preciso que a consciência dos homens evolua. As famílias de agricultores com a melhor produção orgânica e conservação ambiental são aquelas em que há harmonia entre o casal, observou Elisa Wandelli. Salientou, também, os índices de violência contra a mulher aumentam e são alarmantes, segundo dados do IPEA". As profissionais necessitam desempenhar um esforço intelectual e físico muito maior do que os homens para realizar as mesmas funções porque ainda são submetidas à sobrecarga doméstica do cuidado da família, do preparo da alimentação e dos cuidados com a casa, sofrem os desgastes dos períodos menstruais e da maternidade, além do assédio sexual e moral e de sistemas de avaliação de obtenção de metas quantitativos e injustos. Indramara Araújo (Embrapa) cita que mulheres agricultoras que adotam sistemas agrícolas de base ecológica são mais empoderadas, tornam-se mais ativas socialmente, aumentam a autoestima e passam a realizar a gestão dos recursos domésticos em beneficio de toda a família. A nutricionista e pesquisadora do INPA, Dionísia Nagahama (INPA), e a Profª. Margarida Brito (UEA e CONSEA), enfatizaram a importância das fruteiras e das hortaliças não convencionais amazônicas para a segurança alimentar e nutricional. Lembraram que é a mulher quem prioritariamente prepara o alimento, portanto é ela quem determina a segurança alimentar. Segundo

Dionísia, “as pessoas estão se acostumando com alimentos processados, mas antes a alimentação se baseava no que se colhia dos quintais, na agrobiodiversidade, como raízes, frutas, folhas. Graça Passos, Luzia Correa (UFAM/Itacoatiara) e Melissa Michelotti (IFAM/Presidente Figueiredo) que vieram ao evento acompanhadas de seus filhos Amanda, Ana Flor e Guira, respectivamente, salientaram que se esforçam para dar aos filhos, além do leite materno, alimentos regionais sem agrotóxicos. Luzia acredita que a mudança do hábito alimentar e o resgate da alimentação regional e natural somente acontecerão por meio de muita educação e do banimento de propagandas enganosas. Nilda Barros (Conselho Regional de Nutrição) salienta que a merenda escolas deveria ser composto por produtos orgânicos, naturais e regionais. Indramara Araújo (Embrapa) reforça sobre a importância para a soberania alimentar das plantas e hortaliças não convencionais. Simone Alves (Embrapa e Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Pesquisa e do Desenvolvimento Agropecuário – AM) salientou a importância da agricultura urbana e do papel da escola na construção do hábito alimentar e no resgate da prática de hortas e quintais agroflorestais urbanos.

A pesquisadora Sonia Alfaia (Inpa) lembrou que a mulher tem assumido papéis protagonistas em prol da agricultura sustentável, mas a custa de uma sobrecarga de acúmulo de funções domésticas e profissionais que sequer respeitam a biologia feminina e salientou que mais recursos de projetos de pesquisa e extensão deveriam ser destinados à gestão feminina. A tecnóloga em Agroecologia do Núcleo de Estudos em Agroecologia da UEA, Jussara Góes, ressaltou que há conhecimentos agroecológicos e experiências para que a Agroecologia possa alimentar o mundo. Complementarmente, a Profª. Katell Uguen (UEA) e a bióloga Mariana Semeghini (Musa), provocaram no encerramento do evento uma reflexão sobre as políticas públicas educacionais, de assistência técnica e de logísticas necessárias para que a Agroecologia possa ser um caminho para a soberania alimentar, o feminismo, o bem viver e a conservação do Estado do Amazonas. Graça Passos (Ifam) salientou que é urgente que o governo implante uma Educação do Campo libertadora, voltada à sustentabilidade e com administração participativa das comunidades, como uma estratégia fundamental para a promoção do bem viver, da cidadania e da conservação ambiental do campo por meio de uma agricultura geradora de vida.

Resultados

Este Encontro oportunizou uma diversidade de provocações importantes para a vida das mulheres: a princípio, a revitalização do poder feminista do Amazonas na construção de caminhos para a produção da vida, por meio de relações saudáveis com

o meio ambiente; na sequência, a reafirmação da herança matriarcal no sentido do cuidado, do zelo pela vida dos seres ditos vivos e não vivos, e no resgate de sabedorias ancestrais em seus diálogos de amor, troca e respeito; por fim, o protagonismo da agroecologia e dos conhecimentos tradicionais relacionados à biodiversidade e à sustentabilidade. As profissionais promotoras de agriculturas geradoras de vida concluíram que precisam ser respeitadas e valorizadas em casa e no trabalho para que possam realmente contribuir com o empoderamento da mulher camponesa e para que a agricultura deixe de ser um dos maiores vetores da destruição ambiental e da saúde humana e passe a ser geradora de vida. Constatou-se o papel da Agroecologia no empoderamento das camponesas, inclusive financeiramente. Foi construída a Plataforma de luta das Mulheres promotoras de agricultura geradora de vida.